

CULTURA, COMUNIDADE E IDENTIDADE SURDA:

O QUE QUEREM OS SURDOS?

Paula Guedes Bigogno¹

Introdução:

Pouco se discute a respeito das deficiências e, mais especificamente, a respeito da surdez nas Ciências Sociais. A ideia deste trabalho é apresentar uma discussão antropológica sobre o tema e sobre os surdos de modo que se possa compreender um pouco da particularidade deste *grupo*, que tem conquistado espaços que antes lhes eram negados, mas que ainda têm que lutar cotidianamente para que se façam valer sua alteridade no exercício de seus deveres e de seus direitos.

Este trabalho é parte de minha dissertação de mestrado e, certamente, deixa lacunas. Algumas dessas lacunas poderão ser respondidas na dissertação, outras, não menos importantes, permanecerão em aberto. As limitações de um texto escrito num curto espaço de tempo, bem como a riqueza e a complexidade do tema, permitem por ora, juntamente com outros trabalhos que tem sido produzidos sobre surdez, deficiência e diversidade, apenas contribuir para a expansão de um debate pequeno, mas crescente, no campo da Antropologia e das Ciências Sociais.

Embora raro nas ciências sociais, se pensarmos bem, o tema é de fundamental importância para a compreensão de muitos fenômenos das sociedades complexas. Para compreender as relações humanas e a vida em sociedade, precisamos compreender como os indivíduos convivem com suas similaridades e diferenças.

É possível pensar sobre isso através de diversos temas já consagrados na sociologia e na antropologia, como grupos sociais, cultura, identidade e mais recentemente, pluralismo, movimentos sociais, políticas públicas, etc.

O debate sobre as deficiências não foge a estas características. Existem movimentos de pessoas com deficiência, que reivindicam direitos, reconhecimento de *necessidades especiais* e mais especificamente no caso dos *surdos*, reconhecimento de identidade, comunidade e cultura própria.

Tanto no convívio com os *surdos*, quanto na literatura nativa militante, aparecem as categorias *cultura surda*, *comunidade surda* e *identidade surda*, que funcionam como

¹ Licenciada em Ciências Sociais. Graduanda na modalidade Bacharelado e Mestranda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: pgbigogno@gmail.com

estratégias de visibilidade, reconhecimento de diferenças, requerimento e luta por direitos. Como surgiram essas ideias, o que cada uma delas significa, como elas tem sido utilizadas pela *comunidade surda* e como a sociedade as tem assimilado são, portanto, questões fundamentais desta pesquisa.

Um Pouco de História

Não somente a título de curiosidade, mas para situar a argumentação e favorecer a compreensão desta, devemos conhecer um pouco sobre as decisões e acontecimentos históricos que até hoje marcaram a vida de muitos surdos e de pessoas com eles envolvidas. Ao longo dos tempos, atrocidades, benevolências, avanços e retrocessos, marcaram a socialização, o processo educativo dos surdos e sua constituição como pessoas.

Na China Antiga, eles eram jogados ao mar; em Esparta eram jogados do alto de rochedos, em Atenas, eram abandonados; entre os gauleses eram sacrificados em ritual. Na Grécia e em Roma, eram como *retardados*, incapazes de gerenciar seus atos e indignos da condição humana. Em 483-482 a.C., o Código Justiniano passou a distinguir graus de deficiência auditiva, ressaltando que o nascido surdo estaria privado de desenvolvimento moral e intelectual. (Arriens, p. 5)

Para contrabalançar, citemos como exemplo de um primeiro olhar mais reflexivo, a seguinte passagem de Sócrates, no Crátilo, de Platão: *Se não tivéssemos voz nem língua e ainda assim quiséssemos expressar coisas uns aos outros, não deveríamos, como aqueles que ora são mudos, esforçar-nos para transmitir o que desejassemos dizer com as mãos, a cabeça e outras partes do corpo?* (Platão apud Sacks: 2005: 29)

Os filósofos estiveram sempre interessados nas Línguas, como expressão e parte do pensamento humano, como o que diferencia os seres humanos dos animais e o que pode permitir um discurso lógico. Platão, Aristóteles, Leibniz, Rousseau, Wittgenstein, Derrida e tantos outros refletiram sobre homem e a linguagem, chegando a pensar sobre uma língua universal, sobre o que um abade francês chamado De l'Epeé disse o seguinte:

A língua universal que vossos eruditos buscam em vão e da qual perderam a esperança está aqui; está bem diante de vossos olhos, é a mímica dos surdos pobres. Porque não a conheceis, vós a desprezais, e contudo, somente ela vos dará a chave para todas as línguas. (De l'Epeé apud Sacks: 2005:30)

O abade De l'Epeé adaptou a linguagem de sinais de surdos pobres de Paris, através de seu sistema de sinais *metódicos*, combinando essa linguagem com a gramática do Francês, o que, com a ajuda de um intérprete (uma pessoa que ouvia mas também sabia esses sinais) permitiu que esses surdos fossem alfabetizados. De l'Epeé iniciou uma revolução no assunto

já que começava a sistematizar uma língua visual-gestual; fundou uma escola em 1755 e influenciou a criação de outras do mesmo tipo, que se espalharam inicialmente pela França e pela Europa.

Dentre os pensadores e educadores mais famosos que tiveram um trabalho prático com os surdos, estão Pedro Ponce de León e Juan Pablo Bonet. O primeiro, na Madrid quinhentista, ensinava a surdos filhos de nobres e chegou a fundar uma escola. Uma das grandes preocupações era com relação a direitos e heranças, já que os surdos não eram reconhecidos como cidadãos, a não ser que falassem.

A questão da oralidade neste sentido estava ligada a um preceito religioso de que a única maneira de expressão legítima do ser humano era a fala. Além disso, as pessoas com surdez viviam renegadas, não se acreditava que pudessem pensar, encadear ideias lógicas. Diante disso, também na Espanha, Bonet investiu num método oralista, que utilizava o alfabeto manual, mas proibia outros gestos e sinais.

Outros primeiros estudiosos foram o médico inglês John Bulwer, que acreditava e defendia o uso de gestos, o educador John Wallis (1616-1703) que dedicou-se mais ao ensino da escrita e o educador Konrah Aman, forte defensor da leitura labial, já que para ele a fala era *uma dádiva de Deus*.

As primeiras publicações de surdos surgem na França setessentista de l'Epeé. *Observations* (1776), de Pierre Desloges, primeiro livro publicado por um surdo trazia o seguinte depoimento:

No início de minha *enfermidade*, e enquanto vivi separado de outras pessoas surdas [...] não tive conhecimento da língua de sinais. Eu usava apenas sinais esparços, isolados e não relacionados. Desconhecia a arte de combiná-los para formar imagens distintas com as quais podemos representar várias ideias, transmiti-las a nossos iguais e conversar em discurso lógico.

As pessoas com surdez, através do convívio com seus pares e do método de l' Epeé, começaram a conquistar posições de responsabilidade e prestígio; começavam a formar-se escritores, engenheiros e intelectuais. Laurent Clerc, um desses surdos, vindo da França, juntamente com o reverendo americano Thomas Gallaudet em 1917, funda nos Estados Unidos o American Asylum for the Deaf, em Hartford.

Conta-se que Gallaudet, certo dia, ao observar algumas crianças brincando num jardim, notou que havia uma criança fora da brincadeira. Soube ele que seu nome era Alice Cogswell e que ela era surda. O reverendo tentou ensiná-la pessoalmente mas depois buscou ajuda na Inglaterra e na França, onde conheceu Clerc. *Nos 52 dias de viagem para os Estados*

Unidos, Clerc ensinou Gallaudet a língua de sinais, e Gallaudet ensinou-lhe Inglês. (Sacks: 2005: 35)

No Asilo Hartford, como ficou conhecida a escola, a metologia importada por Clerc e as linguagens utilizadas por surdos dali, deram origem à American Sign Language (ASL). Contribuíram especialmente para a formação dessa nova língua de sinais, os surdos da ilha de Martha's Vineyard, descritos na obra *Everyone here spoke Sign Language: hereditary deafness on Martha's Veneyard*, de Nora Ellen Groce, que costumavam ser enviados para o Asilo. Esse intercâmbio cultural permitiu buscar e aperfeiçoar expressões de diferentes dialetos, de diferentes aldeias da ilha e formar a língua de sinais nacional, nos Estados Unidos.

Na ilha de Martha's Vineyard, em Massachussetts, a endogamia provocou a mutação de um gene recessivo que afetou sucessivas gerações por cerca de 250 anos, desde a chegada dos primeiros colonizadores surdos por volta de 1690. Em meados do século XIX, uma a cada quatro pessoas era surda em alguns povoados (Chilmark, West Tisbury), o que fez com que toda a população se comunicasse em sinais e que esses indivíduos com surdez não fossem vistos necessariamente como *surdos*, nem como *deficientes*. (Sacks: 2005:45).

Em 1869 havia de cerca de 550 professores de surdos espalhados pelo mundo e cerca de 41% deles nos Estados Unidos eram surdos. Em 1864 a aprovação de uma lei que autorizava a Columbia Institution for the Deaf and Blind em Washington, a transformar-se na primeira instituição de ensino superior especial para surdos. A faculdade depois rebatizada de Gallaudet College e posteriormente tornou-se Gallaudet University; até hoje a única faculdade de ciências humanas para surdos.

No Brasil, em 26 de Setembro de 1857, foi fundado pelo Francês Ernest Huet, e e pelo imperador D.Pedro II, o Imperial Instituto de Surdos Mudos, no Rio de Janeiro; hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). É comemorado o dia nacional do surdo, no Brasil nesta data, que é um dos fundamentos do movimento *Setembro Azul*. Azul era a cor do triângulo nazista que marcava o lugar das pessoas com deficiência nos campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial.

Por volta de 1870, havia surgido *reformadores*, que defendiam escolas oralistas *progressistas* e queriam acabar com os asilos *obsoletos*. O que estava acontecendo era parte de mudanças mais gerais no ocidente, característica do período vitoriano: uma tendência a opressão e a intolerância com minorias religiosas, linguísticas, étnicas; por exemplo, o Galês foi pressionado a submeter-se ao Inglês.

Houve, então, em 1880, em Milão, o Congresso Internacional de Educadores de Surdos, onde os *reformadores*, excluindo os próprios professores surdos da votação de um método para referência mundial, saíram vitoriosos. Entre eles, estavam Samuel Gridley, Howe e Orace Mann, além de Alexander Graham Bell, que além de ter se consagrado como inventor do telefone, era filho de mãe surda e pai educador de surdos (com ênfase oralista) e marido de surda. O peso de seu prestígio e de sua influência familiar foram decisivos para institucionalizar o *Oralismo*, ou *Oralismo Puro*, como hoje se conhece.

A educação dos surdos passou, então, a ser exercida por uma maioria de professores ouvintes, mas ao contrário do que possam alguns imaginar, o novo método por ser restrito a oralidade, não obteve sucesso para uma maioria de escolas, que chegaram a situações de extrema regressão em se tratando de comunicação, alfabetização e desenvolvimento de pensamento e proposições lógicas entre os surdos. Foi só nos anos 60 e início dos anos 70 que o assunto passou a ser debatido com um público mais geral, quando um livro intitulado *In this Sign*, de Joanne Grisberg (1970) e mais tarde a peça e filme *Children of a lesser God*, de Mark Medoff, influenciaram um debate.

Antes disso, no meio acadêmico, o trabalho do linguísta William Stokoe, *Sign Language Structure*, de 1960, juntamente com a *Gallaudet Encyclopedia of deaf and deafness* em três volumes publicados por John van Cleeve, e o apêndice do *Dictionary*, de Stokoe, em 1965: *A comunidade linguística*, de Carl Cronenberg, colaborador surdo, foram contribuições para o conhecimento e para uma nova mudança de paradigma com relação aos surdos. Este último, descreveu o *'povo surdo'* como *formadores de um grupo cultural [...] representou uma ruptura com a longa tradição de 'patologizar' os surdos*. (Padden: 1980: 90 apud Sacks 2005: 155)

Nesta época, porém, nenhum outro linguista, nem Chomsky, mencionou o trabalho de Stokoe. Em 1970, Klima e Bellugi quase não encontraram fontes para o estudo da língua de sinais, que havia se tornado algo coloquial, que não merecia importância; mesmo entre os surdos a opinião era semelhante. Mais que uma desvalorização, havia uma descrença e uma atitude de ridicularizar a possibilidade de *analisar* a língua e concebê-la como tal, como Língua.

O Teatro Nacional de Surdos (nos Estados Unidos), que desde 1967, influenciado pela publicação do *Dictionary*, realizava apresentações com Inglês em sinais², em 1973 passou a realizar apresentações na verdadeira língua de sinais, o que tornava a encenação muito mais

² É diferente da língua de sinais pois sinalizar palavras não é o mesmo que expressar numa língua de sinais, que tem estrutura própria, visual-gestual.

rica do ponto de vista criativo surdo já que as expressões corporais e faciais ganhavam maior destaque. A partir disso, outros artistas surdos surgiram, faziam poesia em sinais, chistes, músicas em sinais, dançavam, contavam estórias que divulgavam sua história e sua *cultura*.

Em 9 de Março de 1988, após a indicação de Elisabeth Ann Zinser, para reitora os estudantes da Gallaudet entraram em greve e realizaram um protesto exigindo a nomeação de um reitor surdo, renúncia imediata da presidente do corpo diretivo, Jane Basset Spilman, maior presença de surdos nas tomadas de decisões e que não houvesse represálias. As manifestações no campus chegaram a dominar a mídia por cerca de 48 horas. (Sacks: 2005)

O clima estava mais para Woodstock, segundo Sacks, que esteve lá. Pelo relato do autor havia um clima de união, serenidade e dignidade; *havia um senso de júbilo, um quê de festividade*. Os professores, funcionários e todo o mundo, através da imprensa, estavam ao mesmo tempo perplexos e admirados, pois a manifestação que durou 6 dias fazia desaparecer aquela *ilusão de impotência*³ a que estavam acostumados a associar aos surdos.

O *levante*⁴ havia sido planejado. Os líderes do grupo estudantil Greg Hlibok e seus companheiros Tim Rarus, Bridgetta Bourne e Jerry Covell, tiveram o apoio de ex-alunos e de outras organizações de surdos. No dia 14 de Março, King Jordan foi eleito o primeiro reitor surdo da Gallaudet.

Nos últimos 20 anos, tem sido intensificada a criação de associações de surdos e escolas Libras no Brasil. As políticas de passe livre e cotas no mercado de trabalho, juntamente com a Lei de intérpretes em locais públicos e as legendas *closed caption*, são algumas das ferramentas que precisam ser problematizadas em discussão mais ampla, já que podem ser percebidas tanto como conquistas ou como políticas mal formuladas, frutos de práticas *ouvintistas*⁵. A luta antipaternalista⁶ continua e o que se quer, através de uma educação bilíngue⁷, é ver os próprios surdos escrevendo trabalhos como este e decidindo, de fato, seu futuro.

³ Termo utilizado por Bob Johnson, professor e amigo de Sacks.

⁴ O próprio Sacks usa a expressão entre aspas.

⁵ Termo que designa uma imposição de poder perante os surdos, não reconhecendo suas particularidades (*cultura surda*) e sua alteridade. Será discutido na dissertação.

⁶ Aprendizagem combinada de Libras (como primeira língua) e Português.

Para fazer se fazer etnografia com os surdos: apresentando as bases empíricas de uma etnografia em vias de construção

O método etnográfico permitiu-me observar a maneira como essas pessoas vivem diversas situações do cotidiano, especialmente a maneira como todos agem, em conjunto, quando existe no ambiente, uma pessoa ou mais de uma pessoa com surdez.

O trabalho de campo etnográfico, com observação participante, é de fundamental importância numa pesquisa como essa. O contato direto com os surdos e a aprendizagem da Libras, permitiram-me conhecer algumas particularidades e enfrentamentos por que passam essas pessoas.

O contexto de vida das pessoas com surdez é caracterizado pela apreensão diferente de mundo (predominantemente visual), pela dificuldade na comunicação, preconceito e segregação. Poucas pessoas que não são surdas dominam a Libras e ainda há aqueles que a desconhecem.

Diante disso, fui buscar em 2006, num curso de Libras, as bases instrumentais para minha pesquisa de campo. Naquele momento, eu era aluna mas também tentava ser pesquisadora. Dava meus primeiros passos na antropologia, nas ciências sociais e no *mundo dos surdos*, ao mesmo tempo. Não é preciso dizer que foi um processo confuso e inacabado. No entanto, sem esse processo, inclusive pela aprendizagem da Libras, este trabalho, principalmente devido ao curto espaço de tempo, não poderia ser realizado.

Mesmo assim, meu domínio da Libras não é perfeito, tenho algumas dificuldades: esqueço ou troco sinais, sou um pouco devagar para sinalizar e às vezes preciso que a pessoa repita o sinal, explique o que quer comunicar com outros sinais ou solete no alfabeto manual. Mas isso não impede a comunicação. Tenho conhecimento na língua, o que não tenho é fluência e treinamento. Tenho tido a sorte de encontrar pessoas pacientes e dispostas a participar da pesquisa. Além disso, sou conhecida por alguns deles, por ter feito o curso em dois locais, por me interessar como pesquisadora estudante, desde 2006, e por ter um primo surdo.

Naquela época (em 2006), foram utilizados como observação participante um seminário sobre *cultura e identidade surda*, as aulas e o espaço do curso de Libras, que era uma escola livre (particular) mas funcionava como sede da associação dos *surdos*, uma oficina para intérpretes de Libras, umas duas outras palestras: uma sobre surdocegueira e outra sobre sexualidade, uma festa numa Igreja Batista, bastante frequentada por eles e um pequenique.

A primeira vez que fiz o curso de Libras, entre 2006 e 2007 ele era pago. Na segunda vez, fiz gratuitamente. Pais e familiares de pessoas com surdez têm o direito de aprender Libras sem pagar por isso mas eu não sabia, nem me disseram antes.

O segundo curso, em 2008, teve o mesmo conteúdo: Libras Básico e Libras em Contexto e foi realizado no Instituto Bruno Vianna, que apóia pessoas com paralisia cerebral e surdocegueira. Não havia uma continuação para o curso que eu havia feito antes. Mas eu queria retomar a aprendizagem da Libras, por isso repeti as aulas.

No início de 2009, procurei novamente o Instituto Bruno Vianna porque queria ter a oportunidade de me aproximar de pessoas com surdocegueira. A experiência foi curta mas enriquecedora e deverá ser contada num outro trabalho.

Atualmente, o trabalho de campo tem sido realizado no Centro de Educação e Cultura para o Ensino de Libras (CECEL), que eventualmente funciona também como sede da associação dos surdos de Juiz de Fora (ASJF)⁸. Voltei a fazer aulas, agora no nível conversação, nas noites quinta-feira e passei a ir lá também nas noites de sexta, dia em que os *surdos* se reúnem, numa espécie de *happy hour*⁹.

Para compreender os surdos:

Se quisermos compreender a sociabilidade entre essas pessoas, deveremos levar em conta especialmente a ideia de *comunidade surda*, que segundo Tanya A. Felipe (2011) é uma *comunidade linguística*. Comunidade neste caso, não tem a ver necessariamente com espacialidade, mas pode estar vinculada a isso já que existem espaços onde a comunicação entre eles é favorecida. É possível pensar uma rede de sociabilidade que envolve surdos e outras pessoas que saibam de Libras¹⁰, pessoalmente ou via internet.

Difícilmente alguém que não sabe Libras poderia fazer parte de uma rede como essa. A dificuldade interacional devido ao problema da comunicação, bem como os consequentes preconceito e segregação constituem-se como barreiras que, juntamente com a facilidade da comunicação entre aqueles que sabem a língua de sinais, estimulam o isolamento espontâneo.

⁸Na verdade a ASJF não tem sede mas é o CECEL que eles costumam se reunir e tomar decisões.

⁹A experiência etnográfica será relatada em dissertação de mestrado.

¹⁰Língua Brasileira de Sinais.

Outra ideia importante refere-se à escolha da palavra *surdo* ao invés da definição *deficiente auditivo*. Na prática, é assim que eles desejam ser chamados¹¹. O termo deficiente auditivo corresponde a um modelo médico¹² e o termo *surdo*, a um modelo social.

Essas categorias nativas remetem a uma reivindicação de reconhecimento; o que quer dizer não somente que há uma diferença mas também que há problemas decorrentes disso. Uma pessoa que nasce com surdez não apreende o mundo da mesma forma que uma pessoa *ouvinte*¹³. Sua educação requer estratégias específicas. A comunicação com outros é mais complicada e isso pode ter consequências sérias.

Pensar o cotidiano sem telefone, música ou simplesmente o som das palavras é importante para compreender a experiência da pessoa surda. É possível enviar mensagens de celular, conversar na internet por escrito ou por câmera. Essa última forma costuma ser preferida já que permite o uso da língua de sinais.

Para compreender a experiência dos surdos, devemos pensar o mundo sem os barulhos mais corriqueiros: desde o barulho de água enchendo uma jarra ou o barulho da digitação deste texto até campainhas de aviso ou buzinas no trânsito. Os sons fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas, mas não de todos e isso tem implicações que nem sempre são óbvias.

Aprendemos muitas coisas não somente com a atenção auditiva direta. Mesmo que estejamos dispersos dessa atenção, realizando outras tarefas, ainda assim apreendemos o mundo através da audição, aprendemos palavras e formamos ideias.

Para uma pessoa surda esse processo é diferente. Ainda que possa existir algum resíduo auditivo¹⁴, a percepção do mundo é predominantemente visual. É possível também, claro, apreender o mundo através de cheiros ou, pelo tato, perceber as vibrações de um som.

Sabemos que o pensamento ocorre através da língua, como anunciaram Vygotski, Derrida, Barthes, Levi-Strauss e outros tantos pensadores. Mas se uma pessoa é surda e não domina a fala¹⁵, como ela pensa? Como articula suas ideias? Sabe-se que gestos, mímica e pantomima¹⁶ são linguagem, mas não língua¹⁷.

¹¹ Isso ficará claro na parte etnográfica.

¹² O termo deficiente auditivo pode englobar pessoas com pequena ou média perda auditiva. Já o termo *surdo* especifica a surdez profunda, que tem implicações sociais mais complexas e é tema deste trabalho.

¹³ Categoria da *cultura surda* que designa aquele que ouve. Termo oposto a *surdo*.

¹⁴ Uma pequena porcentagem de audição.

¹⁵ Ele pode falar, mas comumente, não o faz com clareza. É importante ressaltar, no entanto, que o termo *surdo-mudo*, hoje, é considerado um erro tanto pela *cultura surda* quanto pela otorrinolaringologia. A deficiência auditiva implica na dificuldade na fala, mas não a impede.

¹⁶ Uso do corpo numa espécie de teatro gestual.

¹⁷ FELIPE (2006)

Para que ideias possam ser expressas e internalizadas, ou seja, para que a comunicação e o pensamento possam ocorrer de maneira sistematizada a uma pessoa surda, foram criadas as chamadas línguas de sinais; que não são universais, existem diversas no mundo¹⁸. Elas são consideradas língua porque possui gramática própria, segundo os especialistas.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras, é derivada da língua francesa e da língua americana de sinais. Por ter sido criada no Brasil, ela também mistura elementos da Língua Portuguesa, mas é diferente desta porque possui uma outra estrutura linguística: visual-gestual¹⁹.

Para realizar a mediação entre a Libras e o Português ou o contrário, existem os intérpretes de Libras, também chamados de tradutores de sinais. Esses profissionais traduzem em Libras para uma ou mais pessoas surdas o que falou uma pessoa ouvinte através de palavras ou, através de palavras, diz a uma ou mais pessoas ouvintes o que sinalizou em Libras, uma pessoa surda.

Muitas vezes, é necessário a um interprete sinalizar o conteúdo de um texto escrito a uma pessoa surda. Esse é um direito dos vestibulandos com surdez, por exemplo. Pode parecer estranho, mas na verdade isso revela uma questão que já deveria ser esperada: a dificuldade na audição implica na dificuldade na fala, que por sua vez implica na dificuldade da leitura e da escrita.

Muitas pessoas com surdez, segundo minhas conversas em campo, têm baixa escolaridade, dificilmente alcançam posições socioeconômicas elevadas, correm mais risco de pobreza se comparados aos ouvintes, não tendo a mesma participação no espaço público. Essas questões são problemas sérios que requerem estudos sérios e práticas efetivas. O sistema de cotas para o mercado de trabalho é um passo importante, mas não uma solução para uma questão que é maior. Isso poderá ser discutido num outro trabalho.

Você é surdo ou ouvinte?²⁰

A diferença nas interações face a face

Para iniciar a argumentação serão utilizados trabalhos de Goffman (1978; 2005), Howard Becker (2008) e Berger e Luckmann (2007), que embora estejam ligados a *sociologia do desvio* e a *teoria da rotulação*, trazem as contribuições iniciais do *interacionismo*

¹⁸ Idem

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Primeira pergunta usual entre pessoas que acabam de se conhecer e usam Libras, num local ou ocasião em que possa haver ouvintes.

simbólico para as Ciências Sociais e antecedem, numa perspectiva histórica, os paradigmas da diferença e da diversidade.

É importante ressaltar que a intenção desta pesquisa não é compreender a surdez ou o uso da língua de sinais como desvio, o que seria um retrocesso e um desrespeito. A intenção desta discussão é demonstrar o caminho percorrido para a investigação do tema, procurando as bases sociológicas sobre as quais foram desenvolvidos o conceito de identidade e o paradigma da diferença, que passaram pelas discussões sobre desvio e rotulação.

A ideia de desvio chegou a possuir conotação de doença. Suicidas, prostitutas, alcoólatras, *loucos*, homossexuais, miseráveis e criminosos eram vistos como pessoas doentes, *degeneradas*²¹. Esses indivíduos passaram a ser alvo de contagem, classificação e controle e a sociedade acabou concebendo o *desvio* dessas pessoas como algo natural, não compreendendo o processo de construção social dessas diferenças (Miskolci: 2005).

Sob a influência do Darwinismo, a eugenia, vinculada à degeneração física²², serviu como ferramenta eficaz de classificação da diferença. Assim, imigrantes, negros, índios e pessoas com deficiência eram fortemente estigmatizados e segregados por não corresponderem aos ideais aristocráticos de pureza e perfeição.

A passagem da ideia de desvio para as ideias de divergência, diferença e diversidade tem seu contexto após a Segunda Guerra Mundial. As atrocidades dela decorrentes, sobretudo nos campos de concentração nazistas, bem como a mutilação de soldados e sua reinserção na vida social e no mundo do trabalho, fizeram emergir novos paradigmas para a compreensão das identidades. O feminismo, a luta antimanicomial, os movimentos de afirmação negra e de pessoas com deficiência contribuíram para este processo.

Embora os surdos possam se enquadrar neste contexto como pessoas com deficiência auditiva, eles preferem ser compreendidos em sua singularidade cultural, como surdos, que possuem sua própria língua e um modo particular de *ser no mundo*. Dessa forma, a ideia de *cultura surda* poderia ser associada à ideia de *cruzada moral* de Becker (2008). Sob esta perspectiva, os movimentos de surdos, inclusive os *estudos surdos* e as ideias de identidade, comunidade e *cultura surdas* poderiam ser compreendidas como uma forma de *empreendimento moral* que reivindica o reconhecimento da diferença, que vai além do paradigma da deficiência.

²¹ Termo ligado à ideia de Darwinismo Social.

²² Na época, um modelo médico regia a surdez, que era compreendida simplesmente como *ouvidos que não funcionam*.

Becker descreve ainda, os *reformadores cruzados*, que são aqueles que querem criar novas regras por não concordarem com as normas vigentes e suas consequências. Segundo o autor, pode haver um caráter hipócrita nesses empreendimentos já que os *cruzados* costumam ter seus próprios interesses. No entanto, estes empreendimentos são importantes devido ao seu caráter humanitário; o que faz, muitas vezes, com que esses *empreendimentos morais* sejam vistos como algo missionário²³, por isso, o termo *cruzada*.

Essa discussão nos faz refletir sobre a questão do surdo como sujeito de direitos.²⁴ Embora os surdos possam constituir o que Berger *et al.* (2007) chamaria de *grupo divergente* na sociedade, é preciso ressaltar que existem diferenças entre eles. Segundo Velho (1979: 22) *é preciso tomar cuidado com a tendência a homogeneizar arbitrariamente comportamentos dentro desses grupos.*²⁵

Segundo Goffman (1978), espera-se que um indivíduo estigmatizado comporte-se de maneira que seu estigma fique evidente. No caso dos surdos, ainda hoje, há uma rotulação de incapacidade linguística e até intelectual. Por isso, um surdo que supera as barreiras linguísticas e sociais e ingressa numa faculdade, numa pós-graduação ou tira carteira de motorista, ainda desperta surpresa, curiosidade ou espanto das pessoas.

Outro aspecto importante é que *o indivíduo estigmatizado tem uma tendência a estratificar seus pares conforme o grau de visibilidade e imposição de seus estigmas* (Goffman, 1979: 117). Por isso, a diferença entre um deficiente auditivo leve ou moderado e um surdo profundo é, muitas vezes, ressaltada por eles mesmos. Surdos *oralizados e não oralizados, implantados²⁶ e não implantados, universitários e não universitários*, formam outras divisões e hierarquias entre eles; além das clássicas divisões de gênero/sexo, cor/raça/etnia, idade e posição de classe.

Outro ponto a ser ressaltado é que *concepções elitizadas de um grupo dominante surdo* (Teske in: Skliar, 2011: 141) podem reproduzir uma *visão colonialista*, inferiorizando surdos de classes populares que mesmo sabendo Libras, não são oralizados e não participam de associações dos surdos ou participam menos, apenas frequentando eventualmente as atividades propostas.

²³ Muitas igrejas, especialmente Batistas, Testemunhas de Jeová e Católica, realizam um *ministério* ou *pastoral* de surdos e funcionam, muitas vezes, como ambientes formadores de intérpretes de Libras.

²⁴ O que requer maior discussão.

²⁵ A teoria nativa a respeito de Identidade Surda contribui para essa discussão.

²⁶ O Implante Coclear é um aparelho que fica dentro da cóclea (fixo, colocado em cirurgia) e conta com outro aparelho externo, removível. É diferente do aparelho auditivo comum.

Como é possível inferir, a questão dos surdos é complexa e tem apresentado demandas cotidianas que a sociedade não tem sido capaz de responder. Problematicar o que os surdos e demais envolvidos com o tema têm feito a esse respeito, quer se classifique ou não de *cruzadas morais* essas tentativas, é um objetivo deste trabalho. As interações face a face podem ser pontos chave para investigações a este respeito.

Cultura e Identidade Surda: O que querem os surdos?

Sobre o conceito de cultura, vamos trabalhá-lo um pouco, revendo alguns autores principais. Segundo Roque Laraia, o primeiro conceito antropológico de cultura é de Edward Tylor (1871), que procurou demonstrar que:

a cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a *evolução* [grifo meu]. (Laraia, 2005)

Franz Boas, em 1896, criticando o evolucionismo de Tylor, então chamado de *método comparativo*, desenvolve o *particularismo histórico*, que mais tarde ficou conhecido como o *culturalismo americano*. Este método ressaltava a importância do desenvolvimento único, relativo, de cada cultura.

Alfred Kroeber, por sua vez, já em 1949, *procurou mostrar que superando o orgânico, o homem de certa forma libertou-se da natureza* (Laraia: 2005: 41). Enfatizando também que o ambiente em que o indivíduo cresce ou algum outro lugar para onde ele vá, pode ou não oferecer as bases culturais para desenvolver certas habilidades. Explicando melhor, Kroeber dá exemplos das grandes invenções e reafirma o caráter cumulativo da cultura.

Ruth Benedict, em 1934, havia escrito *Padrões de Cultura*. Utilizando-se da mitologia grega como um tropo, para Benedict existiriam, por exemplo, culturas dionisíacas e culturas apolíneas, o que estaria ligado a diversos fatores como região e história e justificaria diversas características.

Um dos autores que problematiza essa ideia é Gilberto Velho, no livro *Desvio e Divergência* (1979), onde reconhece a predominância de determinados valores estarem presentes em determinadas culturas, mas ressalta o cuidado que o antropólogo deve ter para não generalizar comportamentos e crenças dos nativos, ressaltando ainda que sempre haverá indivíduos ou grupos que se comportam de maneira divergente numa mesma sociedade.

Clifford Geertz, em 1973, publica *A Interpretação das Culturas*, trazendo uma abordagem mais complexa sobre a etnografia, comparando a cultura a um texto que pode ser

lido. Assim, para Geertz, a etnografia deveria ser uma *descrição densa*, uma abordagem descritiva detalhada sobre a vida nativa, que procura incluir o significado que os atores sociais em questão conferem às suas ações.

Atualmente, Bruno Latour, Marilyn Strathern e Roy Wagner, são autores importantes da chamada *antropologia simétrica*, que pretende privilegiar o discurso nativo. Estes autores criticam os conceitos clássicos de identidade, grupo, comunidade e cultura, trazendo para o debate conceitos como rede, sociabilidade e ressignificação. Em *A invenção da cultura*, escreve Wagner :

Quando um antropólogo estuda outra cultura, ele a *inventa* generalizando suas impressões, experiências e outras evidências *como se estas fossem produzidas por alguma coisa externa. Desse modo, sua invenção é uma objetificação, ou reificação, daquela coisa.* (Wagner, 2010)

Se a ideia de cultura pode, além significar particularidade de modo de vida, também ser compreendida como instrumento retórico de reconhecimento, semelhantemente, a ideia de identidade não só particulariza um indivíduo ou um grupo mas pode servir como instrumento retórico de reconhecimento e marcação *positiva*²⁷ da diferença.

Para Kathryn Woodward, teórica pós-estruturalista, identidade é relacional, está ligada a uma dimensão simbólica na qual os indivíduos decidem incluir ou excluir determinado indivíduo ou grupo. Assim, para Woodward a construção e a manutenção das identidades ocorrem por *marcações simbólicas* que classificam as diferenças que são *vividas* nas relações sociais (WOODWARD, In: SILVA: 2000:14).

Uma hipótese para o uso desta categoria é a de que quando alguns grupos ligados a academia e a outros movimentos sociais como o feminismo, o movimento negro e a teoria queer, começaram a perceber alguma semelhança com relação a preconceito, dificuldades de acesso e segregação é que a diferença dos surdos tomou cunho político pós-estruturalista, questão de identidade, passou de fato a ser vista como diferença e não como *anormalidade* ou falta de audição, simplesmente.

Pensar sobre a maneira como os *surdos* utilizam a categoria identidade e traçar um paralelo com as teorias socioantropológicas de identidade, cultura e comunidade pode ser um meio de elucidar a questão dos surdos. É isso que eles apontam.

Pensando identidade como algo mutável nas sociedades complexas, podemos realizar um paralelo com a questão dos surdos, percebendo-os como indivíduos que transitam em diferentes formas de uma *identidade surda*, sendo, portanto, mais adequado, pensarmos em

²⁷ Existe uma discussão sobre direito positivo, que permite reconhecer direitos particulares, não somente ou necessariamente universais.

identidades surdas, no plural, conforme explica a pesquisadora e *militante surda*, Gladis Perlin (2011).

Perlin critica o *saber ouvintista*, isto é, o saber *ouvinte* em relação aos direitos e demais aspectos da vida dos surdos e ressalta as múltiplas *identidades surdas: híbridas, de transição, incompletas e flutuantes*; relacionando-as aos diferentes níveis de pertencimento e envolvimento com a *comunidade surda* e com o *movimento surdo*. (PERLIN, 2011)

O que se quer ao reivindicar uma identidade, no caso dos surdos, é poder fazer parte da vida social, tendo porém sua diferença marcada exatamente para ser respeitada. A apreensão das coisas é diferente, a língua é diferente e os resultados disso são diferentes. Não há como respeitar essa diferença sem conhecê-la minimamente, sem se tornar sensível a ela, o que significa perceber a si mesmo e ao outro em sua alteridade, isto é, como pessoas com formas distintas de apreensão do mundo e linguagem, o que implica em diferentes formas de compreensão de ideias e expressão de pensamento.

Bibliografia:

ARRIENS, Marco. **Oficinas I e II para Intérpretes de Libras**. Porto Alegre, Provílis: Produtora de Vídeo e Literatura para Surdos Ltda.

BECKER, Haward S. **Outsiders**: estudo de sociologia do desvio. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGUER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CENCI, A. V. Subjetividade, individualismo e formação moral no contexto de sociedades complexas e pluralistas. In: TREVISAN, A. L. et al (Org.). **Diferença, cultura e educação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 67-79.

FELIPE, T. A. **Libras em contexto**: curso básico: livro do estudante. 7. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS editora gráfica, 2006.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 103-133.

KAUCHAKJE, S. “Comunidade Surda”: as demandas identitárias no campo dos direitos, da inclusão e da participação social. In: SILVA, I. R. et al (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. 3. ed. São Paulo: Plexos, 2003. p. 57-76.

MISKOLCI, R. Do desvio às diferenças. **Revista Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 47, p.9-4, 2005. Disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/43/36> .

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. 5. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, T. T. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 73-102.

TESKE, O. A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 137-153.

THOMA, A. S. Surdos: esse “outro” de que fala a mídia. In: SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 121-136.

VELHO, G. O estudo do Comportamento desviante: A contribuição da Antropologia Social. In: _____ (Org.). **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-51.

WAGNER, R. **A invenção das cultura**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-72.

